

<b>ÁREA DE CONCENTRAÇÃO:</b> Informação, Tecnologia e Conhecimento			
<b>LINHA:</b> Gestão, Mediação e Uso da Informação			
<b>IDENTIFICAÇÃO</b>			
<b>CÓDIGO</b>	<b>DISCIPLINA</b>	<b>CRÉDITOS</b>	<b>CARGA HORÁRIA</b>
PCI001801	Informação, Conhecimento e Inteligência Organizacional	6	90hs

**Filosofia da Informação**  
**F. Ilharco**

**Síntese do texto para nortear a discussão**

- “Em termos conceituais, pelo menos num primeiro escrutínio, a informação precede a comunicação, a tecnologia, a acção e o conhecimento. Desta forma, a nova tecnologia chamou apenas para a primeira linha da investigação académica e científica e da reflexão filosófica parece poder equivaler-se a este último, e que estranhamento pode ter estado esquecido até hoje” – p.10
- “A informação tecnológica é hoje a matéria prima do trabalho, da medicina às actividades financeiras, dos media à genética e à biotecnologia, das viagens espaciais às fronteiras da inovação científica, onde os novos desenvolvimentos, as próprias possibilidades de progresso, estão dependentes da capacidade de ser gerada nova tecnologia, novo hardware e novo software capaz de por sua vez gerar novos dados, novos detalhes, novas diferenças” – p.11
- “O que é novo na filosofia da informação, e por isso a sua maior força e promessa, é a possibilidade de sob um mesmo paradigma, não apenas no âmbito de uma mesma teoria ou proposta ontológica ou epistemológico, mas sob uma mesma perspectiva de fundo, a da informação, poder proporcionar a reflexão fundamental e crítica sobre os pressupostos, os métodos, as investigações, as descobertas, as dúvidas, os problemas e as soluções, de uma cada vez maior parte das actividades científicas, comunicacionais, tecnológicas, culturais, sociais e profissionais das sociedades desenvolvidas” – p.16
- “A filosofia da informação é assim um projecto destinado a consolidar numa área de investigação autónoma, por isso versando questões originados e relacionados na emergência da chamada sociedade da informação. Em termos mais gerais ela é a colocação filosófica, sem pressupostos, rigorosa e radical da questão da informação. Ela é a tentativa de pensar filosoficamente a informação: O que é informação? O que é a informação? Quais as dinâmicas e modos de ser da informação? O que distingue a informação doutros fenômenos que lhes são associados, como por exemplo, os dados, o conhecimento, a acção, as idéias, as noções, o ser, a diferença? A sociedade da informação é a sociedade de quê?” – p.17
- “A filosofia da informação é assim, a um tempo, a filosofia a pensar a informação e a informação a entrar pela filosofia. A filosofia está a virar-se para a informação e a informação está a virar-se para a filosofia. Porquê e porquê agora? O pretexto mais imediato é o de que tal como durante muitos séculos a linguagem foi esquecida pela investigação filosófica, porque em termos fundamentais se pressupunha a sua transparência e total instrumentalidade, ou seja uma correspondência não obstrutiva e linear entre as coisas e as idéias por um lado e as palavras e as frases por outro lado, também a informação foi tida até hoje sensivelmente da mesma maneira, isto é, como evidente, clara, de certa forma objectiva e equivalente às próprias coisas [...] Ora se a linguagem não era um instrumento do homem, se ela era e é, como defendeu por exemplo e entre outros, o filósofo alemão Martin Heidegger, a própria essência do homem, isto é, se é na linguagem que o mundo, como mundo, se nos revela humanamente, então toda a experiência humana, todas as questões fundamentadoras e fundamentais da filosofia e da ciência teriam que voltar a ser colocadas” – p.20-21
- “Historicamente a filosofia da informação nasce da filosofia da computação, mas nasce não como um dos seus ramos mas antes como a sua base mais vasta, profunda e fundadora. “A filosofia da informação privilegia a informação como o seu tópico central, em detrimento da computação porque ela analisa a última pressupondo a primeira. A filosofia da informação trata a questão da computação apenas como um dos processos – e talvez o mais importante – em que a informação está envolvida. Desta forma, esta área deve ser tomada como filosofia da informação e não apenas definida em sentido estrito como filosofia do conhecimento e não apenas a filosofia da percepção” – p.25

<b>ÁREA DE CONCENTRAÇÃO:</b> Informação, Tecnologia e Conhecimento			
<b>LINHA:</b> Gestão, Mediação e Uso da Informação			
<b>IDENTIFICAÇÃO</b>			
<b>CÓDIGO</b>	<b>DISCIPLINA</b>	<b>CRÉDITOS</b>	<b>CARGA HORÁRIA</b>
PCI001801	Informação, Conhecimento e Inteligência Organizacional	6	90hs

- “A questão ‘o que é o conhecimento?’ fundou a epistemologia, tal como a questão ‘o que é a informação?’ funda apropriada e pertinentemente a filosofia da informação. A questão ontológica, o que é? Qual a natureza primeira? O que é informação? é assim a questão fundadora, distintiva e singular desta nova área da investigação e do conhecimento” – p. 25-26
- “[...] a filosofia da informação é uma nova área da investigação e do conhecimento cujo objecto é:
  - a) a investigação crítica da natureza conceptual e dos princípios de base da informação, incluindo as suas dinâmicas, especialmente a computação e o fluxo informacional, a sua utilização e as suas ciências,
  - b) bem como a elaboração de metodologias teóricas informacionais e computacionais e a aplicação destas a problemas filosóficos” – p.26
- “Esta definição tem vantagens e tem defeitos. A sua grande vantagem é a de ter identificado clara e simplesmente a questão fundadora da área: a natureza da informação. O seu principal defeito, quanto a nós, é o de tentar detalhar demasiado a ideia central, chave e aglutinadora desta nova área do conhecimento. Assim, a segunda parte da definição (b) é problemática porque a elaboração e a utilização de metodologias teóricas informacionais e computacionais na investigação filosófica, e obviamente científica, é um dos problemas, uma das várias áreas de investigação da própria filosofia da informação. A tecnologia de informação ao serviço da actividade intelectual do homem é uma das questões da filosofia da informação, porventura uma das mais relevantes” – p.26-27
- “O conhecimento científico e o desenvolvimento tecnológico mudou tanto nas duas últimas décadas, que não só mudou o mundo como o transformou em algo de entendimento impossível face à quantidade e à complexidade da constante e progressiva fragmentação e integração de uma infinita informação, matéria, energia e tempo” – p. 30
- “Esta perspectiva tem vindo a marcar com peso crescente vários desenvolvimentos no mundo científico e académico do mundo Ocidental, e isto tanto na área da filosofia propriamente dita, como em muitas outras e variadas áreas, como por exemplo, as ciências organizacionais, as da comunicação, da tecnologia e da informação, da biologia, da neurologia, da linguagem, da cognição, entre outras. Assim este regresso, este pensar de novo a raiz e as raízes, parece estar a contribuir para um acentuar e renovar da transversalidade essencial da reflexão de base, primária e filosófica” – p.32
- “Embora algo rigidamente, desde os anos 70 tem vindo a desenvolver-se o interesse da vida política, organizacional e empresarial pela filosofia, pelo seu modo de aproximar os problemas e pelo tipo de entendimento, de domínio e de liberdade que aquela empresta às temáticas que toca. Esse interesse, essa busca, pelo fundamento, pela base, tem-se acentuado nos últimos anos. Nos mercados mais desenvolvidos, os livros e as publicações de áreas filosóficas ou que contemplam aproximações típicas da filosofia têm registado crescimentos surpreendentes” – p.32
- “Onde estão hoje os investigadores em filosofia da informação? Em muitas e diversas áreas, todas elas lidando directamente, mas sob diferentes perspectivas e metodologias, como fenómeno da informação. Os académicos, cientistas, filósofos, investigadores da filosofia da informação, no âmbito das suas várias sub-áreas, podem hoje encontrar-se nos departamentos de filosofia, de ciências da computação e de media studies, de sistemas de informação, de sociologia, das ciências cognitivas, de inteligência artificial, das ciências da complexidade e das novas ciências em geral, entre outras áreas” – p.33
- “Os problemas da informação, as questões directas ou indirectamente relacionadas com ela bem como com outros fenómenos que lhe são adjacentes – como por exemplo os dados, a acção, a diferença, o conhecimento, o homem, o mundo, a tecnologia, o significado, entre outros – são muito vastos, encontram-se em desenvolvimento e a sua experimentação, identificação e eventual investigação estão intimamente relacionadas com a expansão da chamada sociedade da informação [...] O mundo primário, fundador, sobre o qual necessariamente assenta o fenómeno da informação, naquilo que porventura lhe será mais essencial e que possivelmente constituirá a sua raiz, não é o mundo da ciência

<b>ÁREA DE CONCENTRAÇÃO:</b> Informação, Tecnologia e Conhecimento			
<b>LINHA:</b> Gestão, Mediação e Uso da Informação			
<b>IDENTIFICAÇÃO</b>			
<b>CÓDIGO</b>	<b>DISCIPLINA</b>	<b>CRÉDITOS</b>	<b>CARGA HORÁRIA</b>
PCI001801	Informação, Conhecimento e Inteligência Organizacional	6	90hs

nem sequer o da filosofia, mas antes o mundo como a vida no mundo, como aquele prévio experimentar do modo humano de ser que necessariamente cada um de nós é testemunha, quando em qualquer e em todas as situações, momentos ou locais nos: viramos para a ciência ou para a filosofia. O mundo que mais conta para nós, aquilo que é a base de todas as bases, no seio do qual constantemente abrimos e fechamos possibilidades, é a realidade experimentada singularmente por cada um de nós, conforme aquilo que nós mesmos somos, às capacidades que temos, aos objectivos que perseguimos, à massa de conhecimento e de experiência que intuitiva e instintivamente dominamos” – p.34-35

- “Este pressuposto de base, típico do paradigma funcionalista, conforme à análise sociológica de Burrell e de Morgan que adiante introduziremos, ou do paradigma tecno-funcionalista como o classifica Lucas Introna, enfatiza a natureza objectiva e material da informação, bem como as práticas e os entendimentos mecanicistas da acção humana. Nesta perspectiva, a informação é considerada a priori como um objecto, definido, analisável mediante a sua fragmentação, disponível para ser estudado pelo gestor” – p.40-41
- “A informação tecnológica criou uma nova realidade, uma realidade virtual, como geralmente se comenta. Essa realidade no entanto, o mundo da televisão, dos computadores, da Internet, dos telemóveis, é tão virtual como qualquer realidade que a precedeu. Escreve Castells que a realidade virtual é tão virtual como sempre foi toda a realidade: “a realidade, experimentada, foi sempre virtual porque ela foi sempre percebida através de símbolos que enquadram a prática em determinado significado que escapa a uma estrita definição semântica.” O real sempre foi o seu significado. O que as coisas são é o que elas significam e o que elas significam é o que conta. Virtual, ou seja, imaterial, ou material, tudo está suspenso na infundável, mutante e surpreendente rede do significado. A percepção do real depende, como defendeu longamente McLuhan da estrutura da informação, isto é, do modo como os sentidos humanos são utilizados e equilibrados na utilização dos diversos media ao longo da história.”Pois o que é tudo senão o que pensamos de tudo?”, questionava Pessoa” – p.42-43
- “Questionar em termos fundamentais o que é a informação é algo semelhante a questionarmos o que é o homem ou o que é conhecimento. Trata-se de questões primeiras, de base e por isso fundadoras do entendimento mais decisivo quanto ao tipo de ser que somos. Nunca, nem sobre a informação, sobre o homem ou no que se refere ao conhecimento, existiram noções ou definições universais e consensualmente aceites” – p.43
- “Desta forma, enquanto objecto de reflexão fundamental e fundadora, a problemática da informação entra no terreno da filosofia: o que é informação? Qual a natureza da informação? O que é que nos faz identificar, assumir ou pressupor determinada manifestação, fenómeno ou evento como informação? Trata-se de questionar a informação de uma forma tão basililar e fundamental quanto o é o questionar fundador dos variados ramos da filosofia: o que é ser? (ontologia), o que é conhecer? (epistemologia), o que é a linguagem? (filosofia da linguagem), o que é a mente, a consciência, o bem e o mal, o pensamento, etc., etc.” – p.44
- “O cruzamento destes dois critérios, os quais reflectem dois dos temas primários e fundadores da filosofia -a ontologia (o estudo da natureza do ser) e a epistemologia (o estudo da natureza do conhecer) – dá origem a quatro posições distintas, no âmbito das quais, o mundo, as coisas, os homens, a acção, as distinções, a informação nos surgem a priori com determinadas características e contornos (ver Figura 1) [...] No que respeita à epistemologia, encontramos no extremo esquerdo desta matriz metodológica as posições que defendem de uma forma radical a natureza eminentemente subjectiva, localizada e centrada no indivíduo do conhecimento. A partir desta posição extrema não é possível argumentar se existe ou não um mundo aí fora. No extremo oposto do eixo epistemológico encontramos as posições objectivistas puras, as quais assumem existir um mundo externo e objectivo, igual para todos, o qual por isso podemos medir, quantificar e analisar independentemente de qualquer experiência subjectiva. Quanto ao eixo ontológico, este varia entre as duas posições opostas e fundadoras da filosofia Ocidental: da tese de Heraclito (c.540 AC - c.480 AC), para o qual tudo estava sempre em mudança e, por isso, “nunca poderemos mergulhar duas vezes no mesmo rio” à tese de

<b>ÁREA DE CONCENTRAÇÃO:</b> Informação, Tecnologia e Conhecimento			
<b>LINHA:</b> Gestão, Mediação e Uso da Informação			
<b>IDENTIFICAÇÃO</b>			
<b>CÓDIGO</b>	<b>DISCIPLINA</b>	<b>CRÉDITOS</b>	<b>CARGA HORÁRIA</b>
PCI001801	Informação, Conhecimento e Inteligência Organizacional	6	90hs

Parménides (c.515 AC -?), para o qual a mudança era impossível, tudo por isso permanecendo tal como é. Neste quadro de base, a sociedade pode revestir uma dinâmica ou uma sociologia de regulação, de estabilidade e de permanência, ou, em alternativa, consubstanciar uma sociologia de mudança, de ruptura e de instabilidade” – p.46-47

- “O cruzamento destas duas posições de cada um dos dois eixos origina quatro perspectivas fundamentais, essencialmente distintas sobre a natureza e a acção do homem no mundo e sobre o seu estudo. Assim, o fenómeno da informação, por exemplo e porque é o que estamos a endereçar neste texto, pode ser estudado, analisado e investigado no âmbito de um dos quatro tipos de paradigmas: interpretivista, funcionalista, humanista radical e estruturalista radical. Desta forma, em função dos pressupostos que tomamos sobre a natureza do mundo e do conhecimento, poderão variar os resultados da nossa investigação” – p.47-48



- “A informação emerge assim de diversas formas conforme nos localizemos num ou noutro paradigma conceptual. De um ponto de vista interpretivista e radical humanista, a informação está emaranhada na problemática decisiva do significado e das relações e referências entre as coisas, isto é, entre os fenómenos. De um ponto de vista estritamente interpretivista a informação é o próprio significado; ela é o significado para o sujeito que experimenta a acção de ser/estar/ ficar informado. Nesta perspectiva a informação é um fenómeno interpretativo, dependente do sujeito, assente na experiência de determinado indivíduo e na historicidade, pressupostos, contextos e envolvimentos no âmbito dos quais e com os quais esse mesmo indivíduo se informa ou é informado. Como referiu Gadamer (1900-2002), "nós somos os nossos preconceitos", isto é, os nossos pré-conceitos, pressupostos, são o que nos revela o que nos surge a cada e a todo o momento. As posições interpretivista e humanista radical partilham esta noção fundadora da informação como significado, mas divergem quanto aos pressupostos ontológicos em que assentam. A primeira pressupõe a estabilidade do que existe, das coisas, das relações e dos significados. A segunda, pelo contrário, assume que a natureza das coisas é o conflito, a oposição estrutural, a contradição, o domínio e as suas tentativas. Neste último quadro, a informação enquanto significado, toma-se numa forma de afirmar, de fazer valer a nossa posição, a nossa interpretação, os significados que nos são mais úteis, mais óbvios ou mais evidentes; a informação,

<b>ÁREA DE CONCENTRAÇÃO:</b> Informação, Tecnologia e Conhecimento			
<b>LINHA:</b> Gestão, Mediação e Uso da Informação			
<b>IDENTIFICAÇÃO</b>			
<b>CÓDIGO</b>	<b>DISCIPLINA</b>	<b>CRÉDITOS</b>	<b>CARGA HORÁRIA</b>
PCI001801	Informação, Conhecimento e Inteligência Organizacional	6	90hs

o acesso à informação, a partilha, a disseminação da informação equivale a uma forma de afirmar a nossa autonomia e é assim o modo de emancipação. Para o paradigma humanista radical a informação emerge no âmbito da acção comunicativa que define a sociedade humana. No-mundo, para usar a expressão de Heidegger em Sein und Zeit – a qual detalharemos no capítulo 3 no âmbito de uma análise fenomenológica da informação – ou na vida-do-mundo, na expressão algo equivalente de Husserl, estamos sempre envolvidos em diversos e variados assuntos, projectos, actividades, no âmbito de uma intencionalidade total e estrutural que nos revela o que é o mundo, o que é a forma, os modos e os momentos como e onde ele, o mundo, nos interessa a nós próprios” – p. 48-49

- “Este entendimento da informação como fenómeno situado no tempo e no espaço e dependente do contexto em que surge, caracterizando de acordo com a metodologia de Burrell e Morgan os paradigmas interpretivista e humanista radical, perde-se nos restantes dois paradigmas da matriz, o estruturalista radical e o funcionalista. Nestes dois a informação é objectificada, isto é, ela é entendida como um objecto – claro, preciso e definido. Estes paradigmas diferem entre eles apenas no que respeita ao que assumem sobre a natureza do mundo e da sociedade. O último, o paradigma funcionalista, partilha com o paradigma interpretivista, a noção de base de estabilidade entre as coisas, os fenómenos. as condições naturais que nos foram dados. O último, o paradigma estruturalista radical, partilha com o paradigma humanista radical, os pressupostos sobre a natureza conflituosa, competitiva e de mudança do mundo e da sociedade humana” – p.50
- “A perspectiva estruturalista radical entende a informação como um fenómeno do âmbito das relações substantivas entre as pessoas e entre os grupos. Aqueles que dominam, que são beneficiados pelo status quo, tentam preservar esse mesmo domínio, e aqueles que são dominados tentam afastar a classe dirigente. Sob esta perspectiva, em qualquer contexto em que surja a actividade social do homem, a informação é um fenómeno entendido no âmbito do conflito estrutural entre os que dominam e os que são dominados [...] O foco dos estudos no âmbito deste paradigma é a representação da realidade, do mundo exterior e objectivo, e a forma como eles avançam é através da construção de modelos, assentes na descoberta de relações estáveis de causa-efeito. A partir daí o homem pode intervir na realidade” – p.51-52
- “Este princípio – à medida que a informação aumenta, diminui a incerteza – está subjacente em muitos dos desenvolvimentos teóricos sobre o fenómeno da informação, em particular aqueles que foram e continuam a ser desenvolvidos no âmbito do paradigma funcionalista, por exemplo no âmbito de alguma da literatura mais influente da área dos sistemas de informação: informação pode ser definida em termos do seu valor surpresa” – p.53
- “Mesmo no seu âmbito, nesta relação central entre a informação e a diminuição da incerteza, ela pode ser questionada: a diminuição da incerteza depende dos dados, da informação diga-se, ou do sujeito que experimenta essa mesma diminuição da incerteza? Esta diminuição da incerteza depende só dos novos dados ou também dos velhos dados, isto é, da experiência e do conhecimento do sujeito concreto? Por outro lado, não será informação aquele dado que em vez de diminuir a incerteza a vem aumentar? O facto de quer intuitiva quer teoricamente ser possível responder afirmativamente a todas estas questões questiona evidentemente a pertinência das posições funcionalistas” – p.54
- “Regressemos agora à noção de informação proposta por Bateson, acima introduzida: a informação é a diferença que faz a diferença. Esta noção pode ser utilizada como meta-paradigmática. Ela oferece sentidos claros e poderosos no âmbito de qualquer um dos quatro paradigmas acima referidos. No entanto, em cada um desses paradigmas, em função da forma como a priori o mundo e o conhecimento são tomados, quer o que conta ou pode contar como a primeira diferença quer o modo como esta primeira diferença pode fazer a diferença são entendidos, acedidos, estudados e detalhados de formas, modos e procedimentos bastante diversos. O que está em causa na informação enquanto diferença que faz a diferença são simultaneamente ambas as diferenças. A

<b>ÁREA DE CONCENTRAÇÃO:</b> Informação, Tecnologia e Conhecimento			
<b>LINHA:</b> Gestão, Mediação e Uso da Informação			
<b>IDENTIFICAÇÃO</b>			
<b>CÓDIGO</b>	<b>DISCIPLINA</b>	<b>CRÉDITOS</b>	<b>CARGA HORÁRIA</b>
PCI001801	Informação, Conhecimento e Inteligência Organizacional	6	90hs

primeira diferença é a detecção enquanto tal, enquanto distinção, perturbação, entidade que toma a nossa atenção, que sobressaiu no âmbito do que percebemos quer empírica quer teoricamente. A segunda diferença é a possibilidade de aquela primeira diferença alterar o estado de coisas, o que por isso necessariamente depende de um entendimento anterior sobre esse mesmo estado de coisas, sobre determinada situação, problema, questão, acção ou objectivos. A segunda diferença, por isso a diferença que faz de qualquer detecção, perturbação, distinção ou dado para utilizar a expressão mais corrente nas actividades relacionadas com o fenómeno informação, algo de diferente para as possibilidades de evolução do actual estado de coisas é o que a informação é” – p. 55

- “a) O problema ontológico - O problema de fundo, basilar, que constitui o próprio campo de reflexão e análise é a questão ontológica: qual a natureza da informação? O que é informação? O que é essencial ao fenómeno da informação para que seja o fenómeno que é? O que é a essência da informação? Poderá caracterizar-se, detalhar-se, fragmentar-se a informação nas suas partes constitutivas? Será a informação um fenómeno total e indivisível?” – p.58
- “b) o problema epistemológico - Em termos epistemológicos, isto é, no domínio do tipo e das características do conhecimento que poderemos procurar, obter e eventualmente dominar sobre o fenómeno informação, o que por isso dependerá necessariamente do tipo de pressupostos ontológicos em que assentar a investigação, a questão que primeiro se coloca é verdadeiramente surpreendente. Como pensar e reflectir sob a forma como procurar conhecimento – qualquer que seja o modo como entendamos esse tipo de conhecimento – sem antes esclarecer a natureza da própria informação que acedemos, precisamente na tentativa de ganhar conhecimento? Ao colocar a questão epistemológica, a questão da natureza do conhecimento, sem ter endereçado a natureza da informação, terá a filosofia dado um pulo demasiado longo? Terá a filosofia esquecido a questão informação ao ter avançado para a questão do conhecimento? Será possível pensar a epistemologia sem pensar a informação? Estas questões são tão novas e revolucionárias que poderão mesmo vir a contribuir para a emergência de um novo paradigma intelectual, filosófico e científico” – p.59
- “d) o problema da realidade - Que relação existe entre a informação e a realidade? É a informação realidade? O que é a realidade além da informação? Pode a realidade, o real, ser informacionalizado? O que é a representação? A que se refere a informação? Qual a correspondência entre a informação e aquilo a que ela se refere? Embora dependendo, obviamente, da noção que venhamos a assumir sobre informação, a informação enquanto ela mesma, é ou não realidade? É a realidade que pode ser ou não informacionalizada ou é a informação que pode ser ou não realidade? Que relação existe entre a informação e o sujeito? E entre o sujeito e a realidade? Será a informação, tal como, por exemplo, a linguagem no entendimento de várias correntes da filosofia e da ciência, um elemento essencial na geração do mundo que habitamos? Será a informação, por isso, uma mediação, um media? Pode o mundo, o homem, o real serem descritivos em termos informacionais? Estas questões, bem como outras, colocam o problema de fundo da relação entre a informação e aquilo sobre o qual ela eventualmente pode recair” – p.60-61
- “e) O problema da verdade - A verdade, o estar correcto, ser verdadeiro é ou não uma característica da informação? O que é desinformação? É a desinformação, informação? Qual a relação entre a informação, a verdade e a acção? Dado a informação informar, terá ela que ter consequências? Que tipo de consequências? Serão essas consequências relacionadas com a verdade ou com a acção, objectivos e disposição do sujeito que é informado ou que se informa? Qual a relação entre a informação, a probabilidade e a certeza? Como se podem enquadrar as respostas a estas questões em termos históricos e culturais? Qual a relação entre a informação e a verdade? Pode ou não esta última questão ser colocada no domínio da filosofia da informação?” – p.61
- “f) O problema do ser - Que correspondência ou relação existe entre informação e ser? A informação é um fenómeno complexo e penetrante tal como a manifestação da presença, o ser,

<b>ÁREA DE CONCENTRAÇÃO:</b> Informação, Tecnologia e Conhecimento			
<b>LINHA:</b> Gestão, Mediação e Uso da Informação			
<b>IDENTIFICAÇÃO</b>			
<b>CÓDIGO</b>	<b>DISCIPLINA</b>	<b>CRÉDITOS</b>	<b>CARGA HORÁRIA</b>
PCI001801	Informação, Conhecimento e Inteligência Organizacional	6	90hs

sendo. O ser e a informação podem ou não ser ditos de muitas, mas das mesmas formas? Que relação existe entre uma noção, conceito ou fenómeno e o outro? Será que essa relação, que eventualmente possa existir, é acidental ou é essencial? O que é a informacionalização do ser? Como se processa e como se não processa?” – p.61-62

- “g) O problema dos níveis de abstracção – [...] A que níveis de abstracção podemos considerar cada manifestação em termos de informação? Mais, serão os níveis de abstracção níveis informacionais, existirão níveis de abstracção independentes da informação, ou a informacionalização da abstracção altera substantivamente essa mesma abstracção?” – p.62
- “h) O problema dos dados - O que são dados? O que é um dado? O que distingue informação de dados? Como os poderemos contrastar ou distinguir de informação? Será a informação dados com significado, e os dados, por isso, informação sem significado? O que é um dado sem significado? Qual o significado que faz desse dado informação? O que é o significado e que relação tem ele com os dados e com a informação? Este tipo de questões têm, em nossa opinião, sido objecto de investigação pouco diversificada” – p.63
- “i) O problema do conhecimento – [...] qual a relação entre a informação e o conhecimento. Aquela posição defende que os dados passam a informação ao adquirirem significado e, por sua vez, que a informação passa a conhecimento ao ser enquadrada, ao ter sido objecto da experiência”- p.63-64
- j) O problema da acção - Que relação existe entre a informação e a acção? Para que serve a informação? Agimos com base em informação? Com base em conhecimento? O que é a acção? A acção precede a informação ou o contrário? O que é uma acção informada e uma acção não informada? Para que queremos ser informados? O que é uma informação útil? Estará a informação relacionada com a diminuição da incerteza, como desde os finais da década de 40 no século XX com a chamada teoria da informação, tem vindo sistematicamente a ser defendido?” – p.64
- “k) o problema da comunicação - O que é a comunicação? Será a comunicação a transmissão de informação? Assegurará a emissão de uma mensagem ou de um sinal a sua recepção? Será a recepção, ou a captação de informação sempre depende do sujeito que a capta, do contexto em que acontece, do futuro a que se destina? Qual a relação entre os fenómenos da informação e da comunicação? De que forma se relaciona a comunicação com a acção? De que forma a informação surge da comunicação? Ou de que forma a comunicação surge da informação? Será a informação uma manifestação da comunicação ou o contrário? Como comunica a informação, como informa a comunicação? Qual a relação entre a acção, a informação, a comunicação, o sujeito e as comunidades em que ele mesmo está imerso?” – p.65
- “l) O problema da linguagem - Qual a relação entre a linguagem e a informação? Surge a informação na linguagem ou a linguagem na informação? Algum destes dois fenómenos é transparente, não obstrutivo? Ou algum deles é gerador, criador da realidade, do que conta, do que nos afecta, motiva e envolve? A relação entre a informação e a linguagem, só por si, constitui uma imensa sub-área da potencial nova área da filosofia da informação. De certo modo, pode dizer-se que o que se passou com a viragem linguística da filosofia, onde pontuam entre outros os trabalhos do filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein, é o que hoje se está a passar na possível ante câmara da viragem informacional” – p.65-66
- “m) o problema da inteligência artificial - O que é a inteligência e o que é a inteligência artificial? Qual a relação da informação com ambas? Qual a matéria de trabalho, se assim se pode dizer, da inteligência artificial: dados ou informação? Qual a diferença entre inteligência artificial e o conhecimento? Quais as dimensões humanas possíveis e impossíveis de replicar? Pode esta última questão ser colocada? Quais os processo característicos da inteligência artificial no que respeita à informação? Qual a relação entre a inteligência artificial e a acção humana? Como pode a informação ser considerada da dicotomia clássica mente-corpo?”- p.67

<b>ÁREA DE CONCENTRAÇÃO:</b> Informação, Tecnologia e Conhecimento			
<b>LINHA:</b> Gestão, Mediação e Uso da Informação			
<b>IDENTIFICAÇÃO</b>			
<b>CÓDIGO</b>	<b>DISCIPLINA</b>	<b>CRÉDITOS</b>	<b>CARGA HORÁRIA</b>
PCI001801	Informação, Conhecimento e Inteligência Organizacional	6	90hs

- “n) O problema da utilidade - A informação fundamentalmente informa. Assim, deve questionar-se: o que é informar ou ser informado? Qual a sua utilidade? É a utilidade essencial à informação? O que é a utilidade? Qual a relação da informação, com a utilidade e com a acção? Estas questões têm a potencialidade de colocarem numa linha de reflexão básica a noção de utilidade, a qual, apesar de intuitivamente nos surgir com traços pertinentes quando considerada de um ponto de vista da acção, não tem sido objecto de reflexão filosófica particularmente aprofundada” – p.67
- “o) o problema da mudança - A informação e comunicação, enquanto objecto das novas tecnologias, são os fenómenos que mais têm vindo a induzir as enormes mudanças contemporâneas, e isto quer em termos culturais, políticos, sociais, organizacionais e mesmo individuais” – p.68
- “p) O problema da tecnologia em geral – [...]Neste quadro, deveremos questionar qual a relação do fenómeno da informação, e dos fenómenos que lhe são adjacentes, com o mundo tecnológico: que relação existe entre a eficiência tecnológica e a informação? Será a eficiência um processo de informação? Ou será a conceptualização da informação um processo tecnológico?” – p.68-69
- “O problema da tecnologia de informação e comunicação – [...] Como se junta no mesmo fenómeno, o das tecnologias de informação e comunicação, os fenómenos tecnologia, informação e comunicação? Qual ou quais os critérios para classificar tecnologias, instrumentos, aparelhos, etc., como tecnologias de informação e comunicação? – p. 69-70
- “A filosofia da informação deve também reflectir e analisar este tipo de questões, procurando na etica fundamental e na ontologia respostas capazes de enquadrar etica e moralmente este novos perigos” – p.71
- “Este aspecto é de uma importância enorme. O nome da época, a era ou a sociedade da informação, sugere intuitiva e implicitamente a perspectiva, o aspecto ou o ângulo a partir do qual a vida nas sociedades contemporâneas surge natural e inapelavelmente, isto é, sob o prisma da informação, das tecnologias de informação e comunicação. Ora este tipo de entendimento é em si mesmo, na forma como a realidade da acção dos homens no mundo é colocada, a abertura para um entendimento mais profundo da actual sociedade humana” – p.75
- “O domínio metafísico que a sociedade da informação detém hoje em dia no mundo contemporâneo revela-se sobretudo na forma como ele próprio não se deixa ver, porque sendo metafísico ele é a base, constituindo-se assim como critério, filtro, perspectiva ou background, através e no âmbito do qual surge o que existe nos seus contornos de relevância, de materialidade, de intangibilidade, de significado e de futuro” – p.76
- “A informação tecnológica é o resultado de muitos e variados instrumentos e objecto da nossa atenção e sobretudo da nossa acção. Utilizamos, experimentamos, a informação tecnológica quando vemos televisão, quando trabalhamos no computador, quando estamos ao telefone, quando pesquisamos na Internet, quando ouvimos rádio no carro, etc. Todas estas situações dizem respeito ao modo como a tecnologia de informação é o que é no mundo em que vivemos e trabalhamos” – p.79
- “Conforme à caracterização proposta por Albert Borgmann todos os tipos de informação se referem à realidade, quer como informação sobre a realidade, quer como informação para a realidade, quer ainda como informação como a própria realidade. No primeiro caso, a informação natural, esta manifesta-se na sua pura condição, em ambiente natural: nuvens indicam possibilidade de chuva, pôr do sol indica a chegada da noite, cascalho miúdo indica a proximidade de um rio, etc. A informação natural é o significado básico do ambiente natural que nos envolve. Além desta informação natural mais original deve igualmente considerar-se como informação do mesmo tipo os

<b>ÁREA DE CONCENTRAÇÃO:</b> Informação, Tecnologia e Conhecimento			
<b>LINHA:</b> Gestão, Mediação e Uso da Informação			
<b>IDENTIFICAÇÃO</b>			
<b>CÓDIGO</b>	<b>DISCIPLINA</b>	<b>CRÉDITOS</b>	<b>CARGA HORÁRIA</b>
PCI001801	Informação, Conhecimento e Inteligência Organizacional	6	90hs

relatórios ou as indicações puramente descritivas sobre a localização de determinadas entidades, coisas ou pessoas em situações ou locais específicos. A informação natural é pois informação sobre a realidade. No segundo caso, a informação cultural não é essencialmente informação sobre a realidade mas informação para a realidade. A informação cultural destaca-se da natureza, isto é, sobrepõe-se à informação natural, ganhando proeminência, mobilidade e estabilidade. A informação cultural retira-se do ambiente natural que a gerou e toma-se móvel, como por exemplo, o correio ou os mapas, proporcionando dessa forma uma reordenação da realidade. Enquanto sinal, a informação cultural mantém-se à parte da informação natural, das coisas da natureza, e transforma-se ela mesma num conjunto de novas coisas, numa espécie de nova natureza sobre a natureza [...] No terceiro caso, a informação tecnológica reordena a própria realidade, escreve Borgmann. A informação tecnológica adiciona à informação sobre e para a realidade a característica de ser ela mesma a realidade” – p.81-82

- “Neste nível de informação, o tecnológico, a informação surge como rival da própria realidade e é no âmbito dessa relação de rivalidade, de substituição da realidade, que a informação tecnológica, no caso dos CDs, nos merece muitas vezes o comum mas ainda assim estranho comentário de que o que ouvimos “é mais perfeito que a própria realidade!” Estes três níveis da informação – natural, cultural e tecnológica – surgem e manifestam-se quer conjunta quer simultaneamente” – p.83
- “O que o texto de facto diz, literalmente, não é “conhecer” mas “percepcionar com os olhos” – “desde sempre o homem desejou percepcionar com os olhos”, isto é, ver para conhecer, ou seja, ver é conhecer. As razões ou os motivos que levaram o “percepcionar com os olhos” a passar a “pensamento”, erguendo o puro ver como o equivalente do ser, são, considerou Heidegger, as fundações da filosofia e da ciência Ocidentais. Na superioridade da visão, na sua identificação com o pensar e com a verdade, está em si mesma uma concepção de ser – “Ser é aquilo que surge na percepção pura, a qual pertence ao ver e apenas através desse ver é que o ser se revela. A primária e genuína verdade assenta no puro ver” – p.86
- “Ao envolver-se mais e mais no que de mais perto e mais imediatamente o rodeia, no nosso tempo a informação tecnológica, o homem toma uma posição de fundo sobre a sua situação existencial. Imerso nos outros, entre eles, no meio “da gente”, o homem vai vendo, navegando, experimentando uma comunidade que lhe fornece os comportamentos, os significados, as possibilidades, em suma a realidade. Ao querer ver apenas para ver o “eles”, que todos nós somos, é enfatizado porque o carácter único e a responsabilidade individual de nós próprios para com a nossa vida se perde e a superficialidade toma o lugar do questionar” – p.87
- “Ver é determinante e é de terminante para a acção, mas o que vemos depende do que somos, por isso, depende do que vimos, do que soubemos e do que sabemos. Nada é mais difícil do que estabelecer precisamente o que vemos, comentou Merleau-Ponty “O que um homem vê depende da forma como olha para o quê e também daquilo que a sua prévia experiência visual e conceptual o ensinou a ver”, escreveu Thomas Kuhn” – p.88
- “Até que ponto os traços essenciais daquilo que johe somos no mundo são desenhados, assentam ou dependem da tecnologia e da informação tecnológica?” – p.92
- “A organização, que de resto pode ser também entendida e estudada como um fenómeno de informação e comunicação, marca hoje em dia a vida de todos e de cada um de nós. Em casa, no trabalho, na rua movemo-nos constantemente num universo organizacional. Desde a célula primária da esmagadora maioria das sociedades humanas contemporâneas, a família, até à cidade onde vivemos e ao país do qual fazemos parte, passando pela organização onde trabalhamos e pelas organizações com as quais profissional e socialmente nos relacionamos, a dimensão organizacional estrutura e fornece constantemente critérios de entendimento, de significado e de acção. É este mundo organizacional, origem do nosso trabalho, na nossa habitação, da água, da electricidade, do carro que guiamos, das estradas e passeios que percorremos, dos relógios que marcam o ritmo dos

<b>ÁREA DE CONCENTRAÇÃO:</b> Informação, Tecnologia e Conhecimento			
<b>LINHA:</b> Gestão, Mediação e Uso da Informação			
<b>IDENTIFICAÇÃO</b>			
<b>CÓDIGO</b>	<b>DISCIPLINA</b>	<b>CRÉDITOS</b>	<b>CARGA HORÁRIA</b>
PCI001801	Informação, Conhecimento e Inteligência Organizacional	6	90hs

dias e das noites e de muita da informação que experimentamos, que nas últimas quatro décadas tem vindo a receber o impacto das novas tecnologias de informação e de comunicação” – p.93-94

- “Nesse processo, que constitui a primeira fase da absorção das tecnologias de informação e comunicação no mundo contemporâneo, não existiu qualquer processo de controlo ou de coordenação por parte dos gestores das organizações. A mensagem de fundo, implícita nesta forma de apropriação da nova tecnologia pelas organizações, mediante decisões individuais e não coordenadas dos seus profissionais, era a de que a tecnologia por si só traria a mudança desejada em termos de produtividade e de competitividade” – p.96-97
- “O critério que então era proposto para guiar a sua introdução nas organizações, constituindo-se numa resposta aos problemas até então gerados, foi o seu alinhamento com a estratégia organizacional, ou seja, a tecnologia deveria ser pensada e introduzida com base no seu impacto efectivo e potencial sobre a competitividade das organizações. As tecnologias de informação e comunicação deveriam ser adquiridas ou desenvolvidas internamente para facilitar a implementação da estratégia competitiva das empresas e das organizações em geral” – p.99
- “Fundamentalmente dois aspectos não batiam certo. Primeiro, e num plano geral, qualquer vantagem competitiva que uma organização obtivesse pelo alinhamento estratégico de novas tecnologias tendia a desaparecer rapidamente porque a competição a copiava, tornado-se assim não numa vantagem mas numa condição básica para competir em dada indústria ou em determinados segmentos. Em segundo lugar, e mais decisivo, o modelo do alinhamento estratégico não tomava em consideração o impacto directo que a nova tecnologia estava a ter não na implementação da estratégia mas na sua própria formulação e formação. Ou seja, as tecnologias de informação e comunicação, por si só, afectavam directamente a estratégia organizacional” – p.100
- “As tecnologias de informação e comunicação enquanto novo fenómeno afectam, quer os gestores queiram quer não o queiram, a estratégia organizacional, e isto porque uma nova possibilidade, podendo no curto prazo ser uma oportunidade ou uma ameaça, a médio ou longo prazo constituirá necessariamente uma ameaça, porque se nós não a aproveitarmos outros o farão, colocando então a nossa organização em condições desfavoráveis” – p.101
- “Quando as tecnologias de informação e comunicação são tomadas a priori como um instrumento, a pertinência do seu alinhamento estratégico é evidente. Esta visão, este fundamento ontológico, previne, evita, não proporciona que as tecnologias de informação e comunicação sejam experimentadas como algo já-dentro da organização, isto porque, neste caso, alinhar significa submeter a nova tecnologia, aquilo que é novo e estranho, à estratégia da organização, por isso aquilo que já existe no âmbito de uma identidade experimentada antes do alinhamento acontecer. Mas, parafraseando Heidegger, suponhamos que as tecnologias de informação e comunicação não são apenas um instrumento? O que pode então ser a tecnologia de informação? Intuitivamente, ela é tecnologia, um tipo de tecnologia que actua sobre e na informação. O que é então tecnologia? O que é informação? Apesar destas perguntas serem questões fundadoras da filosofia da informação – sendo aliás a última a questão primária desta mesma área de investigação como disciplina autónoma – e de por isso deverem ser abordadas e investigadas por metodologias próprias do questionar filosófico e no âmbito de uma perspectiva que vai muito além do mero impacto organizacional da nova tecnologia, consideramos apropriado, porque indicador da complexidade dos problemas que se têm estado a levantar, focar, ainda que muito brevemente, as alternativas que têm vindo a ser testadas ao modelo do alinhamento estratégico das tecnologias de informação e comunicação” – p.101-102
- “O ponto que aqui é importante reter é que as novas tecnologias, ao alterarem o universo informacional e comunicacional em que a organização actua, implicam a aprendizagem e a mudança, e isto tanto em termos organizacionais como individuais. Esta mudança organizacional induzida pelas tecnologias de informação e comunicação pode gerar-se tanto no plano meramente

<b>ÁREA DE CONCENTRAÇÃO:</b> Informação, Tecnologia e Conhecimento			
<b>LINHA:</b> Gestão, Mediação e Uso da Informação			
<b>IDENTIFICAÇÃO</b>			
<b>CÓDIGO</b>	<b>DISCIPLINA</b>	<b>CRÉDITOS</b>	<b>CARGA HORÁRIA</b>
PCI001801	Informação, Conhecimento e Inteligência Organizacional	6	90hs

operacional como nos planos tático e estratégico. À medida que as potencialidades das tecnologias de informação e comunicação são absorvidas, isto é, à medida que a estratégia organizacional, a cultura e o universo comunicacional em que a organização está imersa são penetrados intuitiva e instintivamente pelas características, possibilidades, pela essência da nova tecnologia, mais radical e inovadora tende a ser a mudança organizacional” – p.103

- “As tecnologias de informação e comunicação são assim tomadas como um instrumento, uma ferramenta que funciona como apoio, para desenvolver ou organizar algo – "a tecnologia de informação é um instrumento" – p.108
- “O entendimento instrumental da tecnologia tem sido a posição que tem prevalecido nas últimas décadas, embora tal visão continue a ser questionada no âmbito do debate e da investigação sobre os múltiplos aspectos e implicações dos fenómenos da informação. Este domínio da instrumentalidade da tecnologia é tanto um resultado da prevalência das epistemologias Cartesianas na investigação científica, as quais assumem ontologicamente o sujeito humano como o actor objectivo e o juiz final a realidade, como da tradição Ocidental, remontando à Grécia antiga, na qual as actividades sociais, políticas e teóricas, e não as técnicas, eram consideradas os domínios mais elevados e dignos da actividade humana” – p.109
- “Embora necessariamente em termos exploratórios, dada a novidade quer da materialização da chamada sociedade da informação quer da filosofia da informação, e tendo em conta a resenha acima apresentada, poderemos aflorar, além da óbvia instrumentalidade da nova tecnologia, quatro outras possibilidades de entendimento da informação tecnológica:
  - (i) a informação tecnológica como um novo sector da actividade social e económica;
  - (ii) a informação tecnológica como infra-estrutura organizacional e comunicacional;
  - (iii) a informação tecnológica como contexto e
  - (iv) a informação tecnológica como background” – p.112
- “A 'nova economia' enquanto milagre poderá ter desaparecido, mas um novo sector de actividade assente em actividades de informação e de comunicação é cada vez mais central nas sociedades mais desenvolvidas” – p.113
- “Na economia, na política, na cultura e na sociedade em geral, o velho mundo era uma consequência do paradigma 'terra é riqueza', Esse axioma parece hoje ter sido alterado para 'informação é riqueza', As indústrias da informação estão a alterar radicalmente a forma como se cria riqueza, As redes planetárias de cabos de fibra óptica e de satélites poderão estar a desempenhar na criação de riqueza o mesmo papel que no passado coube às caravelas dos Descobrimientos, aos caminhos de ferro ou às grandes vias de comunicação automóvel. Na Bolsa de Nova Iorque, a Microsoft vale mais do que a General Motors e a Ford. Na Bolsa de Lisboa, a Vodafone vale mais do que a Cimpor e a Portucel, juntas, As tecnologias de informação e comunicação ao criarem um novo mundo, isto é, um novo contexto informacional, um novo quadro de referências entre as coisas, as pessoas, os factos e os acontecimentos, estão a alterar as fronteiras das indústrias, as áreas geográficas em que as organizações actuam e a segmentação dos mercados em que as empresas se baseiam” – p.114
- “O fluxo da informação corre constantemente, alimenta-se a ele mesmo e movendo, revelando, ao gestor o mundo em que ele está imerso. Ele trabalha e vive imerso em informação tecnológica, o que para ele é muito mais real, porque é o que conta para a sua acção, do que por exemplo ir ver em pessoa o que se passa na loja x ou y. O que a empresa vende ou não vende, o significado desses factos, só é ganho pela sua tecnologização; isto é, a evolução das vendas só o afecta, por isso só é real, uma vez colocada no ambiente informacional e comunicacional tecnológico. Esse ambiente, essa realidade, constitui-se assim como um background fundador do seu entendimento e

<b>ÁREA DE CONCENTRAÇÃO:</b> Informação, Tecnologia e Conhecimento			
<b>LINHA:</b> Gestão, Mediação e Uso da Informação			
<b>IDENTIFICAÇÃO</b>			
<b>CÓDIGO</b>	<b>DISCIPLINA</b>	<b>CRÉDITOS</b>	<b>CARGA HORÁRIA</b>
PCI001801	Informação, Conhecimento e Inteligência Organizacional	6	90hs

por isso da sua acção; como background, a informação tecnológica é o critério que deixa surgir a relevância, por isso o que é e existe, fazendo a diferença” – p.121-122

- “Com a informação tecnológica já não são apenas as terras, os rios, os metais, a água, os animais, o vento que nos surgem a priori como recursos – e mesmo as pessoas, classificadas como 'recursos humanos', o que por exemplo Cooper qualifica como "a suprema comédia" –, naquilo que é uma manifestação da essência da tecnologia industrial, mas também muitas outras manifestações que se constituem num modo de ser no mundo e no mundo em si mesmo. Com a disseminação da tecnologia informacional e comunicacional na vida pessoal e profissional de grande parte da população dos países mais desenvolvidos, as possibilidades da tecnologia em termos de comunicação no tempo e no espaço deixam de interferir na natureza específica de cada momento, de cada actividade ou situação, porque, de uma forma mais profunda, se constituem elas mesmas nos fundamentos e nos critérios face aos quais as situações, os problemas, as soluções e as acções emergem” – p.122-123
- “O que está em causa na informação e comunicação tecnológica é, como acima descrevemos, um processo de substituição. Contudo esta substituição é essencialmente um processo, porque como substituição ela tem que se referir ao que está a ser substituído. Qualquer substituição, uma vez consumada não é mais uma substituição mas antes aquilo que é, está e existe. Assim, a informação tecnológica, como substituição, refere-se estruturalmente a uma outra realidade, a um outro mundo onde nós aprendemos o significado primário das coisas, dos factos e dos eventos, isto é, e retomando o exemplo acima, o significado mais original das vendas, das empresas, dos trabalhos, das acções” – p.125
- “Essa informação tem por isso um traço essencial de substituição da realidade que a precedeu. De resto o facto da nova tecnologia penetrar e desenvolver-se no campo da linguagem é uma indicação importante dos prováveis contornos ontológicos, do estabelecer aquilo que é, o ser em si mesmo – o que não será mais do que a essência das próprias tecnologias de informação e de comunicação”- p.126
- “Ao ser objecto de processamento a linguagem entra no domínio do tecnológico, da eficiência que marca a era em que vivemos. Porque a linguagem é ontológica, definindo o que o homem é, ela é uma parte integral de todas as actividades humanas e desse modo a tecnologia de informação e de comunicação modela horizontal e constantemente a nossa existência individual e colectiva, tal como escreve Manuel Castells” – p. 126-127
- “A informação enquanto e apenas enquanto informação, no seu mais puro, estrito e intuitivo entendimento não é as teorias que a ela se referem e que a tentam descrever, categorizar, hierarquizar e classificar, mas antes, e pelo contrário, a informação é aquilo que já é, o qual aquelas mesmas teorias previamente pressupõem e ao qual elas mesmas se referem. Nesta perspectiva, a informação é a noção central” – p.134
- “Dados, isto é, dados em bruto, um conjunto de dados, por exemplo, uma folha de Excel preenchida com siglas, números e cálculos vários, só deveria ser considerada informação quando adquirisse significado. Os dados, de acordo com este entendimento, não têm significado. Quando esses dados ganham significado eles passam a informação” – p.135
- “A informação é assim definida como dados que são objecto de processamento de forma a serem significativos com vista à sua utilização por um indivíduo numa tomada de decisão [...] Esta distinção entre dados e informação, obtida mediante a adição da noção de significado, pressuposta como evidente e inquestionável (dados + significado = informação), é posteriormente desenvolvida pela adição da noção de experiência, também esta tal como a de significado tida por óbvia, ao conceito de informação, obtendo-se assim o conceito de conhecimento (informação + experiência = conhecimento)” – p.138

<b>ÁREA DE CONCENTRAÇÃO:</b> Informação, Tecnologia e Conhecimento			
<b>LINHA:</b> Gestão, Mediação e Uso da Informação			
<b>IDENTIFICAÇÃO</b>			
<b>CÓDIGO</b>	<b>DISCIPLINA</b>	<b>CRÉDITOS</b>	<b>CARGA HORÁRIA</b>
PCI001801	Informação, Conhecimento e Inteligência Organizacional	6	90hs

- “Assim e por exemplo, quando algo nos surge como informação, isso significa que o quid da informação, ou seja aquilo que nos permite distinguir uma manifestação como informação necessariamente já está presente na nossa consciência e intencionalidade, de outro modo essa mesma manifestação não seria possível. A fenomenologia trata, por isso, dessa essência fundamental mediante a qual o fenômeno em causa é reconhecido como aquilo que ele mesmo é” – p.142
- “Devemos contudo acrescentar que esta noção fenomenológica de essência registou alguns desenvolvimentos importantes no trabalho de Heidegger. Para este filósofo, a essência não é simplesmente o que algo é, de uma certa forma estática; pelo contrário, a essência é aquilo que algo é dinamicamente, ou seja, é o modo como essencialmente ela é o que é no contexto da temporalidade – a essência é o modo como algo percorre o seu caminho, mantendo-se pelo tempo fora como aquilo que é” – p.142-143
- “Qualquer que seja o tema de uma investigação ela pressupõe sempre um conhecimento, uma experiência, com base no qual decidimos procurar, recolher dados, ou desenvolver discursos e interpretações, visando descrever ou explicar. Mas o que o mundo mais essencialmente é, conforme a ele mesmo, e tentando deixar de parte pressupostos científicos, filósofos e mesmo de senso comum, é o seu próprio ser: o mundo é em vez de não ser” – p.144
- “Esta ontologia de Heidegger indica, entre outros aspectos, que o homem está sempre-e-já em acção, tanto antes, como durante e depois da acção propriamente dita. Em muitos casos não só não reflectimos, nem analisamos sob a forma da reflexão aquilo que vamos fazer mas sim o que já fizemos, tentando encontrar e articular motivos e razões consistentes para explicar as decisões e as acções que tomámos e desempenhámos. Claro que noutros casos paramos para pensar, reflectimos e só depois agimos. No entanto nestes casos, à medida que voltamos à imersão da acção, a situação, nas suas possibilidades, sugestões e limites, tende a transformar-se radical e genuinamente; então, detectamos novas nuances, novas oportunidades e ameaças, novas relações e sentidos, e significados inesperados e por vezes surpreendentes. Isto passa-se não tanto porque as nossas análises e reflexões prévias estejam erradas mas fundamentalmente porque a acção enquanto tal, emerge num domínio de envolvimento do homem no-mundo que não pode ser acedido pela pura e simples reflexão. Um livro não é a palavra livro tal como pensar a acção não é a acção propriamente dita” – p.149
- “Esta actualização de uma organização: identificada tecnicamente na autopoiesis como estrutura, é por isso o aspecto do ser vivo que se mantém aberto ao meio em que esse mesmo ser vivo está imerso, evoluindo em constantes alterações, determinadas pela evolução do meio envolvente, mas limitadas pela necessidade do ser vivo manter a sua organização, isto é; a sua essência. Em termos técnicos a organização é fechada ao meio envolvente porque ela não pode ser alterada por quaisquer factos externos ou internos. A estrutura, ao contrário, é aberta ao ambiente em que existe materializada, e assim está constantemente em contacto, afectando e sendo afectada pelo meio envolvente. A organização é assim a quiddidade do ser vivo e tem uma dimensão ontológica. A estrutura é a sua existência factual e material e tem uma dimensão ôntica” – p.154
- “Defendemos, e esperamos mostrar ao leitor, que no âmbito de uma análise fenomenológica rigorosa tanto os dados como a informação são sempre aquilo que são num determinado contexto intencional e como tal e dessa forma: submetemos que um exemplo de dados sem significado não pode ser apontado. Os dados têm significado tal como a informação o tem. A distinção entre uma e outra noção é algo bastante mais complexa e contextualizada. Toda e qualquer perturbação de um sistema autopoietico, que é o que é um ser humano, isto é, todo o tipo de dados ou de informação tem necessariamente um carácter informativo, ou in-formativo para ser mais rigoroso. O modo como os dados têm um sentido, uma vez que é foram distinguidos, isto é, destacados de um background que, por exemplo, um gestor assume e no âmbito do qual está imerso, é determinado em função do

<b>ÁREA DE CONCENTRAÇÃO:</b> Informação, Tecnologia e Conhecimento			
<b>LINHA:</b> Gestão, Mediação e Uso da Informação			
<b>IDENTIFICAÇÃO</b>			
<b>CÓDIGO</b>	<b>DISCIPLINA</b>	<b>CRÉDITOS</b>	<b>CARGA HORÁRIA</b>
PCI001801	Informação, Conhecimento e Inteligência Organizacional	6	90hs

momento estrutural em que se encontra esse mesmo gestor, o mesmo é dizer em função da projecção que o gestor é de si próprio enquanto um ter-sido-que-projecta. Em linguagem menos técnica, isto significa que o sentido dos dados, das distinções mais puras e desligadas da acção em que o gestor está envolvido, depende essencialmente dele próprio e não do que 'objectivamente' esses mesmos dados poderiam ser para um terceiro observador” – p.158

- “A palavra informação tem correntemente vários significados: acto ou efeito de informar ou informar-se; comunicação; esclarecimento dado acerca do procedimento de outrem ; indagação; informe; conjunto de dados, em princípio imprevisíveis, recebidos do extenor por um ser vivo, especialmente o homem por intermédio dos seus sentidos, ou recebidos por uma máquina electrónica elemento ou sistema que pode ser transmitido por um sinal ou por uma combinação de sinais; aquilo que é transmitido. Informação, por vezes, tem simplesmente o significado do que é dito ou de notícias. Estes múltiplos significados da palavra informação podem ser agregados em duas áreas principais: por um lado, a informação como aquilo que é comunicado, por exemplo, um sinal, um evento, um facto, uma história; por outro lado, a informação como o resultado de actividades de procura e de recolha de dados” – p.172-173
- “A informação é uma formação interna ou interior. Este significado assenta nas origens latinas da palavra informação: o verbo in-formo, que juntou as expressões in e forma para significar dar forma a uma coisa, modelar, formar, moldar, formar uma ideia sobre algo, representar, delinear, esboçar, instruir, educar, informar. O verbo latino formo, com o qual se relaciona o substantivo foma, significava moldar, fonnar, ajustar, regular, dispor, dirigir, preparar, compor. Foma, por sua vez, indicava a ideia de forma no seu sentido mais geral, contornos, figura, aparência, maneira, tipo, natureza” – p. 173
- “Serão dados e informação sinónimos? A resposta a esta pergunta, com base no exposto até ao momento e na argumentação que abaixo continuamos a desenvolver, é simultaneamente sim e não. Sim e não, porque cada um dos conceitos ou noções se coloca em níveis diferentes do envolvimento, da acção e da intencionalidade estrutural do ter-sido-que-projecta que é o ser humano no-mundo. Sim e não, porque dados ou informação, distinções sempre e apenas possíveis pelo significado que o mundo, que tudo no-mundo essencialmente é, são originária e evidentemente assentes em alguém, num ser humano concreto – como brilhantemente salientou Arendt, no-mundo o Homem não existe, existetn ipenas os homens. O dado, a informação, a distinção, a diferença é sempre lquilo que é para alguém; para alguém já imerso num todo referencial, envolvido na sua própria vida, à frente dele próprio, projectando possibilidades para o futuro, visando algo mediato, concreto, para um outro algo mais distante, no âmbito da apropriação de uma possibilidade de ser [...] A partir de lma perspectiva individual, como todo o ser humano experimenta o mundo, tanto os dados como a informação são ma formação interna. Assim em termos rigorosos e fundamentais não existe diferença entre dados e informação” – p.177-178
- “Ao contrário da informação, ou dos dados tomados como informação, os dados como dados não afectam, na perspectiva de um observador ou auto-observador, a acção em curso do indivíduo que os distinguiu. Os dados podem assim ser indicados, enquanto noção teórica, como informação descontextualizada, isto é, como informação que não informa, porque apesar de de facto informar ela no entanto não afecta, altera, modela ou forma o envolvimento e a acção efectivaem que o sujeito já está imerso. Ao contrário dos dados, a informação constitui o tipo de diferença cujo significado fundamental assenta na sua natureza formativa. Informação é a diferença formada internamente ao sujeito, conforme a ele mesmo e nos seus próprios termos, afectando o seu comportamento, tal como pode ser testemunhado por um observador ou auto-observador. Informação é por isso o que é essencialmente formado. É algo que nos foi dado e que de acordo com nós mesmos faz a diferença face à possibilidade de não nos ter sido dado” – p. 179
- “Esta análise é ainda apoiada por um exame etimológico final. Informação é in-fom-ação. Às expressões latinas in e forma junta-se a expressão -ação, a qual vem do sufixo latino -ation, -atio, que significava

<b>ÁREA DE CONCENTRAÇÃO:</b> Informação, Tecnologia e Conhecimento			
<b>LINHA:</b> Gestão, Mediação e Uso da Informação			
<b>IDENTIFICAÇÃO</b>			
<b>CÓDIGO</b>	<b>DISCIPLINA</b>	<b>CRÉDITOS</b>	<b>CARGA HORÁRIA</b>
PCI001801	Informação, Conhecimento e Inteligência Organizacional	6	90hs

acção ou processo. Actio significava um feito, um desempenho, agir, acção, acto. Informacção é por isso a acção ou o processo que forma interiormente; é a acção que in-forma. Esta acção que informa, por sua vez pode apenas surgir na sua diferença, significado e carácter informativo, por isso, transformativo e fazendo a diferença, porque a própria acção é o que é ex ante, prévia e implícita, ontologicamente tida como a fundação do próprio ser, do mundo, da existência enquanto tal. Informação é um tipo de acção, uma acção que é o surgir do fazer a diferença da diferença, porque a acção, ela mesma, é o que já-é, o que conta enquanto base daquilo que pode informar e, por isso, a informação, a acção que informa, é destinada desde o início e fundamentalmente, isto é, na sua essência indivisível, à própria acção” – p.183

### Glossário:

Écran – “Quadro branco onde se projeta a imagem dum objeto”

Quid – “O ponto difícil”.

Qüididade – “A essência de uma coisa. Qualidade essencial. O conjunto de condições que determinam um ser particular”.

### Questões para debate em grupo:

- 1) O que é Filosofia da Informação? O que é informação?

### REFERÊNCIA

ILHARCO, F. **Filosofia da informação**. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2003. 202p.